

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos 2



Atena
Editora
Ano 2019

Denise Pereira
Maristela Carneiro
(Organizadoras)

História: Diálogos Contemporâneos

2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
H673	História: diálogos contemporâneos 2 [recurso eletrônico] / Organizadoras Denise Pereira, Maristela Carneiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (História. Diálogos Contemporâneos; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-560-0 DOI 10.22533/at.ed.600192308 1. História – Pesquisa – Brasil. I. Pereira, Denise. II. Carneiro, Maristela. III. Série. CDD 900.7
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Dentre os conflitos mais instigantes, produtivos e controversos que se dão no espaço acadêmico, reside aquele que opõe as muralhas das especificidades dos campos disciplinares à permeabilidade dos saberes na contemporaneidade. Extremismos à parte, é certo que, justamente por suas miradas particulares, os campos de conhecimento podem crescer quando travam contato. A descoberta de termos e objetos comuns e o desconforto dos desacordos e quebras de comunicação criam uma atmosfera de efervescência, questionamento e convite ao aprendizado. O conhecimento frequentemente prospera nas interseções.

As tensões do mundo líquido no qual navegamos intensificam estes debates e tornam premente a necessidade de promover e compreender os trânsitos entre os campos e os conhecimentos que emergem nessas encruzilhadas. Criar ligações entre as ilhas é, pois, uma necessidade, haja vista que, no coração destes debates jaz o descompasso entre a disponibilidade de informações e a variedade de recursos tecnológicos, de um lado, e o basbaque e a incapacidade de articular efetivamente tamanho arsenal em favor da difusão do conhecimento e da ampliação do alcance das humanidades em nosso meio social, de outro.

Como aponta Giorgio Agamben, o presente reside nessa zona fugaz e inexistente, o não vivido dentro do vivido, sendo, portanto, um desejo de futuro que encontra sempre seu referencial em algum passado. À História, que faz o possível para medir o pulso desse grande corpo em fluxo, cabe a árdua tarefa de estudá-lo até onde permite o alcance de suas lentes, a fim de que tenha o necessário para pintar o quadro complexo e pitoresco que a realidade merece. Esse quadro é pincelado de diálogos que mesclam novas e velhas fontes, linguagens clássicas às pós-modernas, discursos estabelecidos aos controversos. E tendo esse *melting pot* como horizonte orientador, antes de desvanecer, acaba revigorada nesses entrecortado de lugares e falas, nem sempre convencionais.

Diante deste olhar na História, esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas pesquisas.

Boa leitura!

Denise Pereira
Maristela Carneiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BNCC, TRANSVERSALIDADE, MEIO AMBIENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: ELEMENTOS PARA UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E PEDAGOGIA	
<i>Mônica Andrade Modesto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923081	
CAPÍTULO 2	13
ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS: COMO REPENSAR UMA HISTÓRIA DO CONFLITO ARMADO COLOMBIANO NUM CENÁRIO DE “PAZ”?	
<i>Ana Cecília Escobar Ramirez</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923082	
CAPÍTULO 3	26
HISTÓRIA.COM: ENSINO DE HISTÓRIA, FONTES DOCUMENTAIS E HISTORIOGRAFIA	
<i>Maria Aparecida da Silva Cabral</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923083	
CAPÍTULO 4	36
EXPONERE: ENTRE DESIGN, MEMÓRIA E HISTÓRIA	
<i>Fernanda Deminicis de Albuquerque</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923084	
CAPÍTULO 5	40
HISTÓRIA DA HISTORIOGRAFIA COMO EXERCÍCIO DE METATEORIA	
<i>Rogério Chaves da Silva</i>	
<i>Paulo Alberto da Silva Sales</i>	
<i>Sidney de Souza Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923085	
CAPÍTULO 6	56
HISTÓRIA E MEMÓRIA EM CELESTINO ALVES: UMA ANÁLISE DO LIVRO “RETOQUES DA HISTÓRIA DE CURRAIS NOVOS”	
<i>Fabiana Alves Dantas</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923086	
CAPÍTULO 7	68
HARRY POTTER E POLÍTICA: PARALELISMO ENTRE O ENREDO POLÍTICO DE HARRY POTTER E AS CIÊNCIAS POLÍTICA REAIS	
<i>José Carlos Corrêa Cardoso-Junior</i>	
<i>José Antonio de Andrade</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923087	
CAPÍTULO 8	76
VIOLÊNCIA E MEMÓRIA COMO MATRIZES PARA IDENTIDADES NO SÉCULO XX	
<i>Lucas de Mattos Moura Fernandes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923088	

CAPÍTULO 9	90
HISTÓRIA INTELLECTUAL DOS 'CARDEAIS' DA ESCOLA NOVA NO BRASIL	
<i>César Evangelista Fernandes Bressanin</i>	
<i>Milian Daniane Mendes Ivo Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.6001923089	
CAPÍTULO 10	104
IMAGEM X LITERATURA: A REPRESENTAÇÃO DA IMAGEM EM OS MAIAS DE EÇA DE QUEIRÓS	
<i>Nívea Faria de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230810	
CAPÍTULO 11	114
MICRO-HISTÓRIA E NARRATIVA ORAL NO NORTE PARANAENSE	
<i>Marcia Regina de Oliveira Lupion</i>	
<i>Lucio Tadeu Mota</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230811	
CAPÍTULO 12	124
MOVIMENTO NEGRO NO RIO GRANDE DO SUL: APONTAMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ESTADO	
<i>José Antônio Dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230812	
CAPÍTULO 13	136
MULHER E FEMINISMO: PERCEPÇÕES ATRAVÉS DO ROMANCE "A DEUSA DO RÁDIO" DE HELONEIDA STUDART	
<i>Ioneide Maria Piffano Brion de Souza</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230813	
CAPÍTULO 14	145
O PAI DOS POBRES: UM OLHAR SOBRE A ASCENÇÃO DO POPULISMO DE GETÚLIO VARGAS NO ESTADO NOVO	
<i>Adilson Tadeu Basquerote Silva</i>	
<i>Eduardo Pimentel Menezes</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230814	
CAPÍTULO 15	155
O TRATADO SECRETO ENTRE PERU E BOLÍVIA DE 1873 E AS RELAÇÕES COM A ARGENTINA, BRASIL E CHILE	
<i>Adelar Heinsfeld</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230815	
CAPÍTULO 16	165
O ÚLTIMO ADEUS: A SUBLIMAÇÃO DA DOR E O AMOR METAFÍSICO	
<i>Maristela Carneiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230816	

CAPÍTULO 17	180
POLÍTICAS PENAIS NO PARANÁ – DO AVANÇO DO APRISIONAMENTO AO GERENCIAMENTO DA MASSA DE APENADOS	
<i>Rivail Carvalho Rolim</i>	
<i>Letícia Gonçalves Martins</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230817	
CAPÍTULO 18	195
PUERICULTURA E POLÍTICAS PÚBLICAS DE ASSISTÊNCIA À MATERNIDADE E À INFÂNCIA (1930-1945)	
<i>Helber Renato Feydit de Medeiros</i>	
<i>Maurício Barreto Alvarez Parada</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230818	
CAPÍTULO 19	204
QUEERMUSEU: INCLUSÃO E DIVERSIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO	
<i>Manoel Messias Rodrigues Lopes</i>	
<i>Suely Lima de Assis Pinto</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230819	
CAPÍTULO 20	216
RAÍZES HISTÓRICAS DA CONCENTRAÇÃO DE RIQUEZA EM SALVADOR, (1777-1808)	
<i>Augusto Fagundes da Silva dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230820	
CAPÍTULO 21	228
RECOMPOSIÇÃO BURGUESA, AMPLIAÇÃO DO ESTADO E AS NOVAS SOCIABILIDADES DO CAPITAL: O INSTITUTO BRASILEIRO DE PETRÓLEO, GÁS E BIOCOMBUSTÍVEIS – IBP	
<i>Marcio Douglas Floriano</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230821	
CAPÍTULO 22	236
RELAÇÕES DE TRABALHO E CAUDILHISMO: AS BASES SOCIOECONÔMICAS DA GUERRA GAUCHA (ESPAÇO PLATINO, SÉCULO XIX)	
<i>Cesar Augusto Barcellos Guazzelli</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230822	
CAPÍTULO 23	247
RENATO SOEIRO NO SPHAN: SUA TRAJETÓRIA ATÉ A DIREÇÃO DA INSTITUIÇÃO	
<i>Carolina Martins Saporetti</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230823	
CAPÍTULO 24	258
REPRESENTAÇÕES DE GETÚLIO VARGAS NAS PÁGINAS DA REVISTA DO GLOBO ENTRE OS ANOS DE 1929 E 1937	
<i>Eduardo Barreto de Araújo</i>	
DOI 10.22533/at.ed.60019230824	

CAPÍTULO 25	271
VERDADE E FORMAÇÃO CRÍTICA: UMA ANÁLISE DOS SIMBOLOS DA ALEGORIA DA CAVERNA	
<i>Edson de Sousa Brito</i>	
<i>Camila de Souza Cardoso</i>	
DO 10.22533/at.ed.60019230825I	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	279
ÍNDICE REMISSIVO	280

QUEERMUSEU: INCLUSÃO E DIVERSIDADE SOB O OLHAR CONTEMPORÂNEO

Manoel Messias Rodrigues Lopes

UFG/REJ –

Unidade Acadêmica Especial de Educação – Jataí
Goiás

Suely Lima de Assis Pinto

UFG/REJ –

Unidade Acadêmica Especial de Educação – Jataí
Goiás

RESUMO: O objetivo dessa reflexão é analisar crítica e subjetivamente a polêmica gerada na ocasião da exposição *Queermuseu*, promovida pelo banco Santander em outubro de 2017. Após descrever analiticamente a teoria *queer* passa-se a entender adequadamente a polêmica gerada em torno no contexto da exposição. A relevância deste estudo é perceber o que nos é velado no contexto da mídia, sendo que, para isso, é necessário um distanciamento do que nos é posto como certo ou errado, para que essa compreensão se efetive. Para que se formulasse a crítica foi realizada uma análise às manifestações contrárias à exposição, a partir do que nos revela o autor Giorgio Agamben (2009) acerca dos dispositivos de coerção e o sujeito contemporâneo. Com base nessa análise foi possível perceber nas manifestações uma ação velada e coercitiva, as quais defendem interesses de terceiros.

PALAVRAS-CHAVE: *Queermuseu*; teoria

queer; educação de gênero; subjetividade.

QUEERMUSEUM: INCLUSION AND DIVERSITY UNDER A CONTEMPORARY EYE

ABSTRACT: The goal of this study is to critically and subjectively analyze the controversy emerged with the exhibition at the *Queermuseum*, promoted by Santander bank in October of 2017. After analytically describing the queer theory it can be understood the controversy surrounding the context of the exhibition. The relevancy of this study is to realize what it is revealed to us by the media, being that, for that, it is necessary a discerning look on what is said to be right or wrong, so that we can comprehensively understand. The critic here is made after analyzing the manifestations against the exhibition, with the aid of the author's Giorgio Agamben (2009) theory on coercion and the contemporary being. Based on this analysis it was possible to understand that the manifestations portrayed a sealed and coercive action, which are rooted on the interests of third parties.

KEYWORDS: *Queermuseum*; queer theory ; gender education and; subjective.

1 | INTRODUÇÃO

A exposição *Queermuseu*: Cartografias da

diversidade na Arte Brasileira, inaugurada em Porto Alegre – RS em 14 de agosto de 2017, com curadoria de Gaudênio Fidelis, patrocinada pelo banco Santander, trouxe ao público obras de grandes artistas como: Volpi, Portinari, Flavio de Carvalho, Ligia Clark, Alair Gomes, Adriana Varejão dentre outros, muitas dessas obras retratavam as questões de gênero, a diversidade e a temáticas LGBT.

Um fato inusitado que chamou a atenção para a exposição foi uma série de manifestações sociais desencadeadas, sobretudo, nas redes sociais. Obviamente é natural que o acontecimento fosse estardaloso, o número de textos, vídeos e comentários que, em certo sentido, incitavam o ódio sobre a exposição, chegando ao ponto de acusar o curador e artistas de pervertidos, resultando em uma série de agressões verbais, fazendo-nos refletir sobre liberdade de expressão e censura. O resultado dessas manifestações foi o cancelamento da exposição no dia 10 de setembro de 2017. Para além de inúmeras interpretações, essa situação foi uma demonstração de um sentimento de ódio, promovidos por grupos ligados à política, religião e conservadores heteronormativos.

Ao analisar o contexto em torno das manifestações contrárias à exposição, fica evidente não só a intolerância e o moralismo inculcado, como também os poucos espaços dados à liberdade de expressão. No panorama atual presencia-se conflito de classes no que se refere a nossa sociedade. Grupos sociais que antes se calavam diante da hegemonia imposta, não mais aceitam serem considerados como figuras subalternas na sociedade. Esses grupos, cada vez mais conquistam novos espaços, como é o caso do movimento LGBT, que recorrentemente tem ampliado o número de adeptos por meio de suas lutas e bandeiras. Por outro lado, temos os grupos de resistências contra esses movimentos, são aqueles que têm sua hegemonia e poder sobre a sociedade, entretanto, ainda sentem-se ameaçados, usam das forças coercitivas para manter seu poder e dominação perante a sociedade e o Estado em si.

Analisando a polêmica em torno da exposição ficam evidentes os dois lados da questão, a representatividade e a repressão a ela, ou seja, a intenção da exposição era de representação através da arte aos grupos subalternos e, trazer para o público a ação velada na sociedade que culminam na negligência sobre esses grupos e sua discriminação. Em contrapartida, os grupos hegemônicos, não satisfeitos com essa representatividade, por se sentirem ameaçados, usaram dos dispositivos de coerção para mobilizar uma série de manifestações, sendo estas acrílicas e alicerçadas pelo discurso de ódio disfarçado de moralismo, pessoas desprovidas de subjetividade “contrárias” à exposição e sua “ideologia”. Como escreve Agamben (2009, p. 48) “Aquele que se deixa capturar no dispositivo, qualquer que seja a intensidade do desejo que o impulsionou, não adquire, por isso, uma nova subjetividade, mas somente um número pelo que, eventualmente pode ser controlado”.

O cancelamento da exposição nos trouxe outro aspecto preocupante do conservadorismo arraigado em nossa sociedade, a não liberdade de expressão que

ameaça o poder transgressor da arte. Esse cancelamento foi mais que um desrespeito à diversidade, à cultura e à expressão de gênero, foi uma censura, que ameaça o espaço de liberdade de expressão e também a representatividade destes grupos. Nesse caso o que houve não foi uma má interpretação, pois as obras tinham seus significados e estavam expostas para trazer ao público as mais variadas mensagens e suas interpretações, houve sim, uma ação premeditada e regada de interesses por partes do grupo hegemônico, pois eles sabem o poder transgressor da arte e que por meio de uma obra pode-se abrir os olhos e a mente da sociedade, nesse caso, a pauta era a questão de gênero. (MENDONÇA, 2017).

Todavia, é preciso distanciar do discurso e de toda fala moralista, para que possamos ver o que realmente está por trás destas manifestações. Tal polêmica não é apenas um reflexo da intolerância que vivemos na nossa sociedade, com o olhar crítico é possível percebermos uma ação política e, defesas de interesses econômicos e sociais de grupos conservadores, além de uma polaridade política entre grupos de direita e esquerda.

Contudo, a análise crítica acerca das manifestações, e o que nelas estavam velados, nos revela o tamanho da repressão atribuída aos grupos minoritários como os LGTB na nossa sociedade. Essa ação traz consigo os entraves que são a eles atribuídos diariamente nessa sociedade homofóbica e omissa, esses entraves visam a não representatividade desses grupos que culminam na sua negligência e marginalização.

2 | A TEORIA QUEER E O CONTEXTO DA EXPOSIÇÃO

Para entender o contexto da exposição *Queermuseu*, a polêmica e seu cancelamento, é necessário fazer um breve resumo do que é a teoria *queer* e o que ela representa para a formação do sujeito contemporâneo.

A princípio o termo *queer* era usado como forma pejorativa, para discriminar os desviantes dos padrões sociais reguladores. Eram inseridos nesse termo os gays afeminados, as mulheres masculinizadas, os transexuais e travestis, e todas as pessoas que não se encaixavam nos padrões, sendo que estes são impostos sob a ótica da heteronormatividade. Só na década de 1990 que esse termo passou a ser utilizado por integrantes dos movimentos feministas e LGBT por outra vertente, sendo agora utilizado como forma de empoderamento, levando-os a contestar os padrões reguladores e assumir-se como são. Surge então a teoria *queer*, que nos traz o que é estranho, excêntrico, que causa medo e perturbação.

Até então o binarismo da sexualidade era predominante na sociedade, até mesmo nos que eram considerados desviantes da ótica heteronormativa, como os homossexuais que mesmo tendo essa orientação se punha ao lado da heteronormatividade, uma vez que seguem sem uma subjetividade esses padrões

e não aceitam a diferença dos que não os seguem. É contra esses grupos que a teoria *queer* se coloca, e contesta as normas impostas por estes. Assim o *queer* ganhou força e visibilidade entre os que não se sentiam representados pelos padrões impostos, os que não eram aceitos por serem desviantes das normas, todavia, a luta não era para ser aceitos tolerados, na sociedade, e sim para que a sociedade mude e reveja padrões normalizadores, como também para conquistar o direito de ser diferente.

Louro (2004, p.38-39) revela que o *queer* “representa claramente que não quer ser assimilada ou tolerada, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora”. A autora revela que o movimento da teoria *queer* tem como bandeira a superação do que é posto como normal e regulador, aos indivíduos de uma sociedade, desvela, a existência das regras e como elas são impostas a todos/as, por isso torna-se um movimento perturbador.

Em uma análise mais profunda a teoria *queer*, é uma corrente filosófica e sociológica que põe em cheque os discursos normativos acerca da construção de sexo e gênero na sociedade e sobre o binarismo que rege esses discursos, naturalizando-os e os impondo a todos como o único e certo a ser seguido. Nessa perspectiva a teoria se desvia dessas regras, e por conseguinte, as desvela à sociedade, os indivíduos adeptos dessa teoria assumem-se como são enquanto corpo gênero e sexo confrontando os padrões heteronormativos.

Assim, Louro (2004) revela que os indivíduos que resolvem assumir-se e desviar-se das normas impostas, estão a arriscar-se em terreno perigoso, uma vez que essas normas são regidas pelos sistemas de poder que visam moldar e controlar o corpo sob um valor estético e moral. Sendo assim, a teoria *queer* é inerente às questões de gêneros, uma vez que os gêneros são padrões estereotipados socialmente e historicamente construídos, advindos da interpretação arbitrária que classificam os gêneros masculino e feminino sob os aspectos biológico.

O *queer* é tudo que vive na fronteira da sociedade, quebrando normas e padrões, são os desviantes, tudo que é estranho e causa estranheza, é o excêntrico, o curioso e raro, que não cabem mais dentro da perspectiva do binarismo sexual, é a multiplicidade inteligível dos sexos e sexualidade, desvia-se deste binarismo que hierarquiza os aspectos biológicos e dá ênfase a superioridade masculina, e a heterossexualidade enquanto sexualidade “normal” ao passo que todos que desviam da heterossexualidade serão considerados como “anormais”, portanto provoca os que vivem na ótica da normalidade, que têm medo do estranho (LOURO, 2004, p. 18).

A partir desse breve resumo do que é a teoria *queer*, podemos então pensar o contexto da exposição *Queermuseu*. Não há dúvidas que o cancelamento da exposição não se deu por meio de argumentos de pessoas críticas e ou entendedores de arte, o motivo das manifestações em forma do discurso de ódio foi o que os teóricos nos revelam sobre os estudos *queer*, ou seja, foi o medo do estranho, do perturbador, do que causa desequilíbrio, mais que isso, foi a raiva pelo espaço na arte dado a grupos

de minorias, não só ao movimento LGBT, mas a toda representação às diversidades que estavam presentes nas obras expostas. Foi o olhar da curadoria sobre a arte que causou essa estranheza.

Mas, por que ter medo da arte e da sua representação? Berger (1999) afirma que toda imagem incorpora uma forma de ver, assim, as imagens expostas, teriam como finalidade trazer para os indivíduos uma nova forma de ver as minorias e como elas são representadas na sociedade conservadora e heteronormativa, trazer uma luz para as práticas (sexuais, religiosas) que são veladas de forma premeditada para a sociedade.

As imagens foram a princípio feitas para evocar as aparências de algo ausente. Aos poucos foi se tornando evidente que uma imagem podia ultrapassar em duração aquilo que ela representava: mostrava, então, como uma coisa ou alguém havia antes se parecido – e assim, por implicação, como o assunto fora antes visto por outras pessoas. (BERGUER, 1999, p. 12).

Assim Berger (1999) apresenta que se vemos uma imagem vamos pensar a partir dessa e do seu contexto, ou seja, por meio de uma imagem podemos nos situar e, a partir dela, compreender o que nela estão retratadas/representadas que nos incomodam. Tratando-se da exposição *Queermuseu*, o medo dos conservadores foi arbitrário. A proposta da curadoria era justamente que as pessoas frequentadoras tivessem uma leitura de empatia, compreensão e olhar crítico acerca da representatividade dos grupos minoritários ali representados e o que eles vivenciam na sociedade conservadora e heteronormativa.

Se olharmos pela ótica da hegemonia social e da teoria *queer* é exatamente o que os grupos “normais” não querem que ocorra na sociedade, pois põem em risco a hegemonia de grupos conservadores que também são grupos dominantes. Temem que essas ações possam culminar com o fim de seus privilégios em uma sociedade conservadora e heteronormativa. Esperamos que na esteira desse debate uma nova forma de pensar a diversidade e as desigualdes possam se constituir.

Para que haja um olhar sobre as imagens da arte, principalmente no contexto da exposição aqui mencionada, será preciso uma ação subjetiva por parte dos indivíduos nessa sociedade, mediados por dispositivos de coerção que nos cega com a luz da verdade absoluta. Para Agamben (2009) é necessário um distanciamento da luz posta pelos dispositivos, para que possamos entender que os sujeitos estão presos a valores inculcados na sociedade, e que estes os impossibilitam de exercerem sua subjetividade. Se considerarmos os padrões impostos na sociedade, sobretudo, a heteronormatividade, esse padrão culmina na opressão de grupos que os questionam, ou seja, os LGBTs que são diariamente negligenciados em uma sociedade homofóbica e retrógada.

Se consideramos a partir de Agamben (2009, p. 62), talvez o sujeito contemporâneo teria condições de fazer essa leitura proposta pela curadoria da

exposição, pois, segundo esse autor, “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro”.

3 | EDUCAÇÃO E GÊNERO PARA A FORMAÇÃO DO SUJEITO CONTEMPORÂNEO

É notório as indiferenças que as questões de gênero vêm sofrendo na educação brasileira, sobretudo, as questões ligadas aos movimentos LGBT. Há uma grande arbitrariedade em ocultar essas práticas e os indivíduos praticantes, corriqueiramente é atribuído a eles o lugar de desviantes das normas. Essa prática de não se falar desses indivíduos soa como uma forma de eliminá-los da sociedade, e o fato da escola e os profissionais da educação não trabalharem de forma efetiva as questões de gênero reafirmam essa ideia e culminam com o preconceito, com a indiferença e com a violência que estes/as sofrem na sociedade heteronormativa.

Ao não se falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda “eliminá-los/as”, ou pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e alunas “normais” os/as conheçam e possam desejar-los/as. Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da “norma” [...]. A negação dos/as homossexuais no espaço legitimado da sala de aula acaba por confiná-los às “gozações” e aos “insultos” dos recreios e dos jogos, fazendo com que, deste modo, jovens gays e lésbicas só possam se reconhecer como desviantes, indesejados ou ridículos (LOURO, 2014, p. 71-72).

Essa análise apresenta a realidade enfrentada por diferentes grupos na escola, Louro (2014) afirma que a escola ao negar o debate para as questões de gênero, ou aos gêneros “desviantes” das “normas”, ela contribui de forma significativa para a perpetuação do preconceito aos LGBT na sociedade, fazendo não só que estes sejam vítimas de preconceitos, discriminação e violência, mas, sobretudo, que estes se reconheçam como anomalia da sociedade, uma vez que não se encaixam nos padrões normalizadores da mesma.

A partir dessa perspectiva, chega a ser alarmante pensar uma negação da escola e da sociedade as questões de gênero. Mas sob a ótica da teoria *queer*, essa negação tem uma explicação convincente, uma vez que, uma Educação e Gênero, vai permitir o questionamento acerca da heteronormatividade. É preciso que educadores/as trabalhem as diversidades sexuais nas suas salas de aula, contribuindo assim, para um rompimento do binarismo sexual como característica biológica e determinante de gênero, fazendo com que alunos/as pensem a pluralidade sexual e de gênero. Pensar, por exemplo, a partir da cultura do machismo e como a mulher vem sendo inferiorizada na sociedade, assim como os LGBT, que sofrem preconceito por serem considerados seres desviantes das normas, por não se enquadrarem em padrões pré-estabelecidos.

Pensar em uma Educação e Gênero, que trabalhe para a desconstrução do binarismo, e veja com bons olhos as multiplicidades sexuais existentes na sociedade,

e que ao invés de ocultá-las possam trabalhá-las, não considerar os/as homossexuais como desviantes, mas sim, como desafiantes das normas heteronormativas, enfatizarem a existência de preconceitos aos transgressores, e que ao contrário de reproduzir a hegemonia dos dominantes possam trabalhar a contestação destas por parte de alunos/as.

Uma das questões centrais da Educação e Gênero é desvelar aos alunos as construções sociais e estereotipadas que as identidades de gênero sofreram e sofrem ao longo da história da humanidade, esclarecer de forma simples e efetiva que ser mulher e ser homem foram e são construções sociocultural, além disso, enfatizar que o binarismo sexual tem um caráter hierarquizante acerca dos gêneros (LOURO, 2014).

Dentro dessas perspectivas, Louro (2014) nos revela que as identidades de gêneros são formadas dentro da sociedade, que os indivíduos podem e devem se identificar com determinado gênero a partir de sua interação com o meio e não com o fator biológico, como determina a classe dominante com sua hegemonia. Afirma LOURO (2014, p. 31) “as identidades estão sempre se constituindo, elas são instáveis e, portanto, passíveis de transformação”. Ou seja, cabe aos educadores apropriar-se dos conceitos dos estudiosos de gênero como Louro (2014) e outros, para levarem às salas de aulas a ideia de que o gênero não é determinado pelas características biológicas (pênis e vulvas) e, portanto, não é algo pronto e acabado como muitos conservadores acreditam. É preciso uma educação de gênero e que possibilite a abertura para a compreensão das diferenças sexuais, e não, negar aos já renegados pela sociedade o direito de serem conhecidos e respeitados.

Gênero exige necessariamente problematizar toda possível essencialização que fixe modelos de masculinidade e feminilidade baseados em atributos decorrentes de características inatas, naturais, derivadas da biologia. A articulação de gênero com outros marcadores de diferença explicita o questionamento da identidade como fixa, uma e imutável, de forma a pensar sua fluidez. Assim como temos uma construção social que diferencia, e muitas vezes hierarquiza, os sujeitos a partir de marcas corporais, é possível construir relações nas quais as diferenças corporais não signifiquem inferioridade, subalternidade, determinando as posições de sujeitos (BELELI, 2010, p. 54).

Problematizar a sexualidade é uma das articulações de suma importância na educação de gênero, primeiro há de se pontuar que toda sexualidade e por conseguintes os gêneros delas derivados são construção social derivados dos discursos regularizadores, portanto podem ser modificados, uma vez que a sociedade não é inerte, e os discursos são construídos por meio de preconceitos arraigados.

Para que essa questão de gênero e sexualidade se efetive e tenha caráter formativo, é necessário que os educadores/as enfatizem as multiplicidades de gêneros na sociedade contemporânea e os diferentes papéis (sem restrições) que cada um pode desenvolver como sujeito social. Pode-se problematizar essa questão sem muita ou nenhuma burocracia, como no caso de gêneros e brinquedos na educação infantil.

Sobre isso Furlani (2011, p. 121) nos diz que:

Se considerarmos que os brinquedos infantis promovem a aquisição de conhecimento, atitudes e habilidades, além de promoverem a socialização das crianças, nos preocupar quando uma criança resolve usurpar esses padrões hegemônicos não seria uma contradição educacional?

O que Furlani nos apresenta é que a função dos professores/as é trabalhar para o desenvolvimento dos seus alunos/as, e que os brinquedos (sem distinção de gênero) são grandes aliados dessa formação, uma vez que por meio desses, os alunos/as vão desenvolver habilidades e atitudes que facilitarão sua inserção na sociedade, portanto esse policiamento dos/as professores/as é desnecessário, visto que, a partir desse tipo de procedimento eles/as se contradizem nas suas funções enquanto formadores/as.

Olhando sob essa ótica podemos perceber que um fator determinante para o não sucesso de uma educação de gênero, se dá dentre muitos entraves, pelo preconceito arraigado nesses/as professores/as. É preciso uma nova postura, um novo olhar sobre as formas de educação e gênero.

Observamos neste contexto, que a ausência de uma formação em a educação de gênero, esses educadores tem dificuldade em trabalhar a temática na escola, são omissos, mais por desinformação do que por preconceito ao tema. É preciso que estes/as busquem uma formação sobre temas importantes para que possam cumprir seus papéis como verdadeiros/as profissionais e não reprodutores da hegemonia heterossexual e dos padrões por elas estabelecidos.

Considerando, o que ensina Agamben (2009) acerca da sociedade e dos dispositivos que formam a subjetividade dos sujeitos, uma subjetivação mediada por dispositivos, que são, em sua maioria, de poder, teremos um indivíduo dócil e moldado por meio de regras e padrões “por isso dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é devem produzir o seu sujeito (AGAMBEN, 2009, p. 38)”. Para esse autor a subjetivação a partir dos dispositivos será comprometida, os dispositivos agem de forma coercitiva, o indivíduo pensa que está sendo livre perante os seus atos, porém há uma falsa subjetivação, ou como o próprio autor explica, ocorre uma dessubjetivação.

Nessa perspectiva podemos pensar a escola e a sociedade como dispositivo de coerção, que por meio de normas e padrões impostos pela hegemonia social, reafirmam os preconceitos e discriminações sofridas pelas pessoas desviantes dessas normas, e essa ação não deixa de ser coercitiva e velada. Há, portanto, uma disseminação de forma arbitrária dos padrões heteronormativos por meio da escola, que se constitui em um dispositivo, reafirmando sua hegemonia perante as minorias desviantes.

[...], numa sociedade disciplinar, os dispositivos visam, através de uma série de práticas e de discursos, de saberes e de exercícios, à criação de corpos dóceis,

Agamben (2009) nos revela que os dispositivos impedem a constituição de um sujeito crítico e livre, provocando a sua dessubjetivação. Percebemos aqui uma arbitrariedade sobre esses indivíduos, pois quanto mais este pensar que é livre, mais dócil será, e, por conseguinte, será mais fácil de moldá-lo conforme as normas e padrões sociais, ou seja, os dispositivos controlam a vida desse sujeito sem que percebam.

Considerando o conceito de dispositivo em Agamben (2009, p. 40) e pensando na educação de gênero, o Estado pode ser considerado como um dispositivo que exerce um poder que iniba os/as profissionais da educação, trabalhar uma Educação de Gênero efetiva e contemporânea, “[...] qualquer coisa que tenha algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, modelar, controlar, assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (AGAMBEN, 2009, P.40).

É preciso superar esses dispositivos para que possamos proporcionar uma educação de gênero de forma efetiva. Para tanto, será necessário percebermos a escuridão na luz que nos é posta como pronta e acabada. Agamben (2009) nos revela, como já dito, que os dispositivos nos cega com suas luzes incandescentes, mas que por trás dessas luzes há uma escuridão, e nesta está o que nos é velado.

Assim, percebemos que nos é negado uma efetiva educação de gênero, e a superação das dificuldades sociais e culturais que essa educação proporcionará. Repensemos um pouco sobre a teoria *queer* e o que nos explica Butler (1999) de que há corpos e vidas que não importam na sociedade. Se esses corpos (dos desviantes) não importam à sociedade, então é por isso que devemos promover uma educação de gênero que vai dar visibilidade a esses corpos na sociedade dominada pela educação heteronormativa. É essa questão que educadores/as precisam abordar na sala de aula, o interesse em manter esses corpos e indivíduos ativos diante de uma sociedade mais aberta à diversidade.

Superar essas questões significa proporcionar aos alunos uma educação de gênero que forme um sujeito contemporâneo, autônomo e crítico, capaz de perceber a escuridão como diz Agamben (2009). Percebemos que este são marginalizados por que ousaram ser quem são de corpo e atitude, questionaram as normas e padrões heteronormativos, e por meio destes questionamentos desvelaram a sociedade e as normas nela existente e como estas normas são impostas de forma velada e coercitiva à sociedade.

Nessa perspectiva, podemos pensar uma educação de gênero que veja os gays, lésbicas, transexuais, travestis, não como seres desviantes das normas, mas como indivíduos que desafiaram essas normas, questionaram os padrões, e assumiram-se como são, mesmo sabendo que a sociedade heteronormativa atribuiria a eles/as a culpabilidade dessas diferenças. Trabalhar a luta e a resistência dessas pessoas em

uma sociedade que lhes discriminam e os matam tem sido um grande desafio.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos teóricos sobre o *queer* mostram um tabu arraigado na nossa sociedade no que diz respeito aos desviantes, à diversidade e à educação de gênero, nos últimos tempos assistimos calados a negligência sofrida por pessoas LGBT, vemos diariamente gays, lésbicas, trans e travestis serem agredidos e mortos, por não serem considerados “normais”, contudo precisamos assumir nossa responsabilidade sobre a questão, visto que, nosso silêncio proporcionou tamanha barbárie, mais que isso, deixamos que chegasse até aqui, o ponto crítico. A importância de termos uma educação de gênero é para que nossas próximas gerações possam aprender a respeitar as diversidades. Não se trata de uma guerra de posições tampouco de uma “ditadura LGBT” como muitos a chamam por aí, e sim de conhecimento e respeito, precisamos formar uma sociedade conscientizada, para que nossas crianças possam respeitar as diferenças, possam conviver com elas e possam superar essa ideia errônea de normalidade, gerada muitas vezes pela educação heteronormativa que todos recebemos.

No caso da exposição *Queermuseu*, objeto desse estudo, talvez a empresa organizadora ao fechar a exposição pensou que estava acalmando os ânimos da sociedade, porém essa ação só serviu para mostrar que precisamos sim de mais espaços, não só na arte, mas em todos os espaços possíveis, desde um banco na praça até uma cadeira no plenário da Câmara Federal. Precisamos enfrentar grupos conservadores heteronormativos, com seus discursos moralistas, que interferem na subjetividade da sociedade, estes discursos prontos e de efeito moral propagado pela mídia é um grande dispositivo, é preciso que nos atentemos não a essa luz, disseminada pela mídia, mas o que está por trás dela e ao interesse de quem.

Nessa perspectiva, a exposição trouxe-nos uma reflexão do que uma sociedade sem uma educação socializadora e conscientizada é capaz de fazer pelo viés da manipulação e alienação dos grupos hegemônicos.

Por séculos a escola vem se constituindo em um dispositivo de poder usado pela classe dominante em defesa de seus interesses, essa ação faz da escola uma ferramenta expressiva para a manutenção da opressão sentida pelos LGBT, além disso, intensificam os entraves, promovendo a invisibilidade desses grupos. Porém, a escola se torna uma ferramenta de duas vias, pois essa pode ser usada também para uma educação emancipadora que abomina toda e qualquer opressão contra todos os indivíduos na sociedade, assim a educação de gênero pode se constituir em uma das maiores bandeiras dos movimentos LGBT.

A educação de gênero hoje enfrenta grandes dificuldades para sua implantação, se assim percebermos a ação política que está entrelaçada na resistência de grupos contrários a essa implantação nos currículos escolares. Um dos maiores entraves

tem sido grupos religiosos presentes nos poderes legislativos e executivos da política brasileira, que tem usado os mais variados dispositivos para inculcar na sociedade a imagem de uma “ideologia” que inexistente nos movimentos pró-educação de gênero. O mais preocupante é que esses discursos são aceitos pela sociedade, e formam processos subjetivação, ou melhor, de dessubjetivação do indivíduo como vimos em Agamben (2009).

Assim, a legitimação das opressões sofridas por LGBT na sociedade é propagada pela escola como papel de dispositivo ideológico de valores normalizadores e hierarquizados, que são inculcados no sujeito, ou seja, é por meio de uma educação não autônoma que se adquire o consenso da opressão e a negligência atribuída aos LGBT. Nesse sentido, a escola assume seu papel de dispositivo de coerção que é usada por grupos conservadores e hegemônicos a fim de se inculcar na sociedade suas ideologias, interferindo na formação da subjetividade desses indivíduos.

A partir do que revela Agamben (2009), é preciso um distanciamento da luz posta pelos dispositivos, para que se possa entender que os sujeitos estão presos a valores e padrões inculcados na sociedade, e que estes os impossibilitam de exercerem sua subjetividade, haja visto, que esse indivíduo segue os padrões impostos na sociedade, sobretudo, a heteronormatividade. Esse padrão culmina na opressão de grupos que os questionam, ou seja, os LGBT que são diariamente negligenciados em uma sociedade homofóbica e retrógada. É preciso que nos posicionemos junto a esses grupos em suas lutas a partir da defesa da educação de gênero, pois essa educação resultará na conscientização das gerações futuras promovendo um diálogo com todos os grupos sociais acerca do respeito às diferenças, mais que isso, uma educação de gênero promoverá uma sociedade humanizada.

Concluindo, a partir da mensagem passada pela exposição sobre a ótica da teoria *queer*, precisamos ocupar espaços, pois somente com essa perspectiva poderemos sair do anonimato e lutar por nossos direitos, esses espaços, seja na arte, na cultura, na política, no trabalho em tudo que diz respeito à sociedade e ao indivíduo temos que ocupar e levantar bandeiras em prol da educação de gênero, da diversidade e do respeito às diferenças.

Dentre esses espaços, um dos mais importantes que devemos ocupar é a escola, pois, é por meio dela que grupos dominantes vêm inculcando nos indivíduos seus valores, adestrando-os para que sejam maleáveis e fáceis à manipulação e alienação. Como diria Agamben (2009, p. 46) formando “corpos dóceis”.

Todavia é possível mudarmos essa realidade, e o primeiro passo é não limitarmos e enxergar as barreiras que são postas, pois só assim enxergando-as podemos ultrapassá-las, e o meio mais viável é pela educação emancipadora e pela arte, livre do conservadorismo e do falso moralismo que convém ao grupo dominante.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é ser contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BERGER, John. **Modos de ver**. Rio de Janeiro: Artemídia, 1999.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BELELE, Iara. Gênero. In: MISKOLCI, Richard. **Marcas da diferença no Ensino Escolar**. São Carlos, SP: Edufscar, 2010.

BENTES, Ivana. **A arte que virou pornografia aos olhos dos neofundamentalistas**. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/arte-que-virou-pornografia-aos-olhos-dos-neofundamentalistas>. Acesso em: 12 mar 2018.

MENDONÇA, Heloisa. Queermuseu: o dia em que a intolerância pegou uma exposição para Cristo. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/11/politica/1505164425_555164.html. Acesso em: 12 mar 2018.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE) e Coordenadora de Pós-Graduação.

Maristela Carneiro - Pós-Doutoranda pela Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná – Unicentro. Doutorado e Pós-Doutorado em História pela UFG e pela UFMT, respectivamente. Docente do curso de História na Universidade Estadual de Ponta Grossa.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alegoria da caverna 272

C

Colonização 122, 226

E

Ensino de história 26

F

Feminismo 136

Filosofia 12, 94, 95, 98, 123, 235, 271, 278

H

História intelectual 91, 102

Historiografia 40, 41, 43, 44, 45, 53, 54, 55, 66, 88, 89

I

Igreja católica 115

L

Literatura 96, 99, 104, 112, 136, 137, 138, 144

M

Maias 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113

Meio ambiente 1, 12

Memória 6, 10, 13, 14, 18, 20, 34, 39, 56, 66, 67, 76, 88, 89, 102, 178, 245, 256

Micro-história 114

P

Política 15, 24, 68, 69, 70, 75, 102, 136, 150, 158, 164, 235, 258

Populismo 145, 154

R

Relações de trabalho 8, 236

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-560-0

